

MÁRIO E ALEIXO

OS dois amigos costumavam sustentar longas discussões sobre a mulher e sobre o que mais directamente bole com a mulher—o amor. Nunca estavam de acôrdo. Talvez por isso viam-se sempre juntos, atraídos por aquela risonha lei dos contrastes que faz um ateu íntimo dum místico e um filantropo inseparável dum egoísta.

Colocados assim em dois pontos extremos e de trajectórias opostas, pontos que a cada hora de controversia mais se afastavam do centro, não raro caíam em exagêros de generalização, em subtilidades metafísicas, complicadas engrenagens de ideias de que nenhum atinava o significado.

Todos os dias eles iam sentar-se à mesma mesa do café, revolvendo o mesmo tema. De suas mútuas desilusões, aventuras, triunfos ou derrotas, nada sabiam contudo, porque nêles a reciproca simpatia não tinha a mínima correlação com o mundo afectivo do outro, nem com o passado, nem com a linha de conduta do presente: só a divergência de conceitos sobre a Mulher e o Amor os unia.

Mas uma tarde, Mário disse a Aleixo:

—E's um sentimental incapaz de compreender a Vida—e isto dizendo bebeu o nono cálice de chartreuse.

—Só porque não gosto de licôres?—perguntou o amigo.

—Não, não é isso. Para mais as bebidas são uma coisa estúpida. Eu odeio este vício. Mas este ódio é irmãozinho do outro que às vezes nutrimos pelas nossas amantes: detestando-as, não podemos renunciar a elas.

Nunca te aconteceu isto com nenhuma?

—Nunca as tive—confessou Aleixo, muito sério.

—E quantos anos tens?

—Vinte.

—Pois eu tenho trinta e aos dezassete arranjei a primeira. Chamava-se Lúcia, usava ligas dum róxo fúnebre e gostava de dar dentadinhas no pescoço.

Fui um dia encontrá-la com um desconhecido. Estava farto, despistei-me dela. Os maiores favores devo-os todos a desconhecidos.

—Rapaz chartreuse.

Deitando no copo o resto da cerveja que existia na garrafa, Aleixo sorria.

—Tive depois várias—reatou Mário.

—Umas alegres como manhãs de Abril, mais mentirosas que beatas, outras, algumas cruéis e tôdas egoístas e fúteis. E, como o modo de ser de todo o homem é sempre um amontoado heterogêneo de ínfimos nada que as suas leituras e as suas convivências lhe inocularam, eu trago em mim um pouco de cada uma, como pedacinhos de papel de muitas cores numa cartela. Aprendi, por exemplo, a não crer nos jornais com Júlia; a respeitar a polícia com Rosa; a rir dos imbecis com Dulce; a sorrir aos maçadores com Belmira e a gastar dinheiro com elas tôdas. Por minha parte dei-lhes lições de civilidade; ensinei-lhes a medir a distância que vai dum carregador de fato roto e barba crescida a um gentleman de sapatos polidos e gestos estudados ao espelho; fi-las crer que Madalena, a atrevida, fóra rainha da Persia... Em resumo, por tanto ter lidado com mulheres, por tanto as ter sondado, por tantos minúsculos nada seus ter recolhido, sou o que em verdade se pode chamar um tratado vivo de psicologia feminina.

Ante afirmativa tão presunçosa, abertamente riu Aleixo. Aconselhou:

—Não bebas mais. Estás embriagado.

Mas o outro, precisamente por saber que o estava, abespinhou-se. E agarrando-lhe por um braço:

—Pois vou provar-te o contrário. Imagina por momentos que ao sairmos deste café, bárbaro ao ponto de servirem chartreuse por cálices que se podiam beber cheios de ácido prússico—imagina que topo com mulher de quem me interessa conhecer os gostos, classificar as taras, auscultar as ambições, enfim, de quem me interessa traduzir num gráfico as curvas, rectas, ângulos, misérias e sonhos do seu eu. No meu lugar, tu recorrias a um detective privado, ou então fazias que um conhecido comum aos dois te apresentasse. Apresentado, procuravas por todos os meios, os mais subtis e vergonhosos, insinuar-te, isto é, procuravas que ela desse à língua. Ao mesmo tempo, muito em segredo, ias tirando nota dos livros seus predilectos, da costureira que a vestia, do sapateiro que a calçava, da intensidade com que carregava nos rr, da sobriedade ou exagêro com que se pintava, das suas cóleras, das suas tristezas, dos seus impulsos... Não contente ainda subornavas a criada e por seu intermédio sabias quantas camisas mudava ao mês, as vezes que tomava banho num ano comum, se os seios eram posticos, se ao comer doce, sózinha, lambia os dedos. Tu farias isto, e como isto demoraria muito e por outro lado o interesse por uma mulher dura no geral muito pouco, desistias. Ora eu não recorria ao faro dum detective nem à apresentação dum conhecido. Eu limitar-me-ia a olhá-la. Minto, nem sequer a olhava. Debruçava-me sobre mim, abria o tómo de psicologia experimental e, com a naturalidade com que cato brancas ao espelho, soletrava. Era baixa, sanguinea, ancas bamboleantes? capítulo sétimo; era morena, alta, pupila errante, carnes escorridas? capítulo segundo; mediana de estatura, sardenta, bóca húmida e olhar de anjo em dia de missa? capítulo nono. Ou então, por comodidade, esfolhava até o resumo, e em francês lia esta frase sintética, velho como o Mundo e sumamente sábia: c'est tout la même chose.

—Para ti—contestou o amigo

—Mas tu és um depravado.

O outro respondeu:

—Olha, bebe um cálice de chartreuse. Aclara as ideias. Eu, quando bebo, vejo tudo muito transparente. Algumas vêem tudo negro, côr de rosa, amarelo ou vermelho, mas opaco. Eu vejo tudo diáfano e branco como a carne de Jeney. Tu não conhecesse. Era uma inglesa de Manches-

ter.

Morreu estupidamente ao ver que o cavalo por que tinha apostado era o grande vencedor do Derby. Devias apaixonar-te por uma mulher assim.

—Farei os possíveis—limitou-se a dizer Aleixo com ironia.

—Fazes bem. Acima de tudo a forma. Umhas pernas bem torneadas valem um império, no pior dos casos uma provincia; uns seios modelados a preceito uma vida e três almas; uma bóca...

—...Uma adega, valerá?

—Uma adega... Depende, comprehendes. Todavia uma adega é sempre uma adega.

Calaram-se. Por fim, Aleixo falou:

—Não, tu enganas-te. Para além da beleza

da pele, do fulgor dos olhos, do equilibrio das linhas, há algo mais: o espirito—a alma. Encontrar uma alma gémea da nossa e fundir as duas de tal sorte que dissociá-las seja impossível, caminhar depois pelo Universo indiferente a tudo, aos seres e às coisas, como que num embevecimento, num deslumbramento interior, eis aí a ventura das venturas.

Mário, que pedira mais chartreuse, ficou por instantes alheado, distante, dir-se-ia que sonhando uma felicidade longinqua. Depois disse:

—A nossa sede, sede milenária que os pais transmitem aos filhos e os filhos aos filhos e que por sua vez nós transmitiremos, é a sede do belo concreto.

E fitando-o com os seus olhos enternecidos de êbrio:

—Julgas que por estar bêbado não sei o que te digo! Engano teu. O alcool actua-me no cérebro à maneira da benzina nas nódoas. De resto, tudo que há de forte e grande, de eterno, está-tuas, versos, pensamentos, quadros, tudo foi criado num estado de embriaguês.

Sem dar resposta, Aleixo pôs-se a pé. Perguntou:

—Vens?

—Para onde?—quis saber o amigo.

—Não sei... lá para fóra.

Sem dizerem palavra, lentamente, subiram a rua. Mas lá no topo, ao cruzarem com rapariga nova, muito harmoniosa e fresca no vestido de seda roçagante, quebraram o silêncio.

—Ora aqui está uma por quem trocaria todas as frasqueiras, o próprio céu. E' esta a única beleza; a outra é fábula.

Aleixo atalhou-o:

—Não falemos mais nisso...

...E a Mulher deixou de ser o oxigênio das suas conversas. Tornaram-se frios. Já longos silêncios, reticências inesperadas, pairavam por vezes em seus diálogos. E um tédio indefinido invadia-os.

—Os teus estudos?—perguntava Mário?

Respondia Aleixo:

—Razoavelmente, obrigado.

—Sabes?—voltava o primeiro—encontrei o Salvador. Morreu-lhe o avô, ia todo de luto. Não achas ridiculo deitar luto quando nos morre qualquer pessoa de família?

—Não sei porquê!

—E' uma opinião.—E callavam-se.

Outras vezes era o Aleixo que vinha:

—Belo tempo! Não te apetecia estar no campo, a ler Vergílio?

—Prefiro estar aqui, na cidade, a beber chartreuse.

—Todavia um ribeiro bordado de grandes

árvores, um moínho de vento no alto duma colina verde, um rebanho chocalhando nas quebradas, meia dúzia de casais brancas na encosta, é bem agradável!

—Nanja para mim!

—São gostos.

—Claro.

Até que Aleixo, um dia, abruptamente disse ao amigo:

—Ando saudável das nossas polémicas bravas. Queres recomêçá-las?

Mário abanou a cabeça.

—Não quero. Que lucrávamos? Dizem que da

discussão nasce a luz e quero crê-lo. Quando, porém, o assunto discutido é a mulher... A mulher é um tóxico. Deixemo-la em paz. Vê que é a experiência num banho de alcool quem te fala. E o alcool e a experiência são a verdade, porque são incorruptíveis. Cultiva as tuas esperanças e não tolêres que ninguém tas fane. Sobre-tudo, não as discutas. Discutir é duvidar. Demais eu cheguei àquele ponto da Vida em que tudo nos é indiferente. Se o Sol se despenhasse das alturas e com um simples gesto eu o pudesse sustentar, talvez o não fizesse. E' tudo inútil. Tudo! Se tu, que estudas filosofia, me disseses para que nascemos! Não! positivamente não discuto mais contigo. Nem contigo, nem com ninguém.

Uma semana depois Aleixo despedia-se do amigo:

—Ouve, tenho de me dedicar aos livros. Por um tempo não apaireço. Tu desculpa.

Mário teve um sorriso fino. «Julga-me um copo vazio», pensou. Estendendo a mão:

—Podias ter dito a verdade, eu não me ofendia. Mas está bem. Felicidade! E cada qual foi para sua banda.

///

Exactamente nessa noite, Aleixo, o suave espiritualista, sentando nos joelhos Alda, a sua amiguinha, dizia a uma dúvida dela:

—Longe de ti sinto o vácuo. Não crês? Ela teve uma indecisão.

—Sim. Contudo...

—Contudo, quê?

—Lembro as palavras que me dissteste um dia: «os meus actos estão sempre em desacôrdo com as minhas afirmações. Quando digo sim é porque penso não.» —E terminaste: «convencer os outros duma verdade que para nós não existe, é imensamente agradável...»

—Ah!—disse êle.

Alda perguntou:

—E' verdade?

Um sorriso dúbio cortou nos lábios de Aleixo.

—Para os outros. Para ti, não.

—Ah!—respirou feliz a amiguinha do suave espiritualista. E para agradecer aquela serenidade que lhe dava, largamente o beijou nos olhos.

///

A essa hora, abançado à secretária, Mário, o arguto decifrador da psicologia feminina, lançava ao papel:

«Sara»

Sempre que escrevo o teu nome bíblico me vem à ideia o mistério cerrado dos tempos mortos que evoca. Porque na tua alma há muito dessa obscuridade. Della não sei mais que existe —nem sei bem se existe. O que me parece ser hoje, já o não é mais amanhã. O que se me apresenta numa hora como certeza, luz, é na hora seguinte treva, enigma. E eu desespero-me, tateio, sem jámais alcançar um átomo da tua verdade real. Faço cálculos, ergo castelos, talho-te à face das razões experientes—e uma palavra tua, um simples gesto demonstra-me quanto de vão vive no meu esforço. Afinal quem és? Conheço-te há dez anos—e de ti sei tanto como se te tivesse encontrado ontem, hoje, agora—mais, como se te não tivesse encontrado nunca.»

Por instantes ficou a pensar... a pensar.

Depois: «No fim de contas isso não me aborrece. Eu amo-te pelo que imagino que és e não por aquilo que podes ser. Talvez até que desvendando-te, eu não te amasse mais. Quero-te em espirito, em espirito sómente—e nem compreendo que se queira de outra forma.»

Acendeu um cigarro, chegou-se à janela. E fitando uma estrela que lucillava no azul nocturno, murmurou:

—Sara! como as tuas irmãs, és um hieroglifo que não sei decifrar.



NOVELA DE AFONSO RIBEIRO • GRAVURA DE AZEVEDO